

COMPREENSÃO ORIGINÁRIA DO TEMPO

O Tédio e o Tempo como Instante por Martin Heidegger

FUNDAMENTAL UNDERSTANDING OF TIME

Boredom And Time As An Instant By Martin Heidegger

Paulo Sérgio Alves de Souza Filho
Universidade Federal da Paraíba. pauloserginho239@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa busca abordar o tédio profundo apresentado por Martin Heidegger como uma tonalidade afetiva, que não pode ser controlada ou deliberadamente despertada. Ao contrário, ela surge muitas vezes quando estamos menos conscientes dela, e podemos apenas nos afinar ao não ter consciência dela. Como está profundamente enraizada na estrutura temporal de nosso ser-aí - *Dasein* -, por meio de um estado de uma retenção do tempo, levando a uma indiferença que revela a totalidade do ser em sua essência. Investigamos como Heidegger define a retenção e a serenidade vazia no tédio profundo, analisando-o em sua relação com a compreensão originária do tempo como instante.

Palavras-chave: Tédio. Ser-aí. Instante. Tonalidade afetiva.

Abstract: This paper approaches Heidegger's deep boredom's affective attunement, which can not be controlled or awaken. Conversely, appearing often when we are unaware of it, in which being unaware of it allows us to tune into it. On the contrary, it often arises when we are least aware of it, and we can only tune into it by not being aware of it. Since it is deeply rooted in the temporal structure of our *Dasein*, through a state of retention of time, leading to an indifference that reveals the totality of being in its essence. Heidegger seeks to define the retention and empty serenity in deep boredom's, analyzing in its relationship with the fundamental understanding of time as a instant.

Key-words: Boredom. *Dasein*. Instant. Affective attunement.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca abordar e investigar a importância do tédio profundo apresentado por Martin Heidegger na obra *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica - Mundo - Finitude - Solidão* como uma tonalidade afetiva fundamental, ou *Grundstimmung*, que não pode ser controlada ou deliberadamente despertada, surge muitas vezes quando estamos menos conscientes dela, portanto, devemos apenas deixar que nos afine ao não ter ciência da manifestação dessa tonalidade afetiva. Fundamentado no termo *Langeweile*, ou tempo longo, o tédio, mais precisamente o tédio profundo, está profundamente enraizado na estrutura temporal de nosso ser-aí¹, caracteriza-se pela sua relação com o tempo.

Para Heidegger, o tédio profundo é uma tonalidade afetiva fundamental — *Grundstimmung* no alemão — não é um estado psicológico passivo, mas uma condição existencial que escapa ao nosso controle e consciência imediata. Manifestando-se em momentos em que o mundo se apresenta como uma totalidade indiferente, essa tonalidade nos afeta silenciosamente, promovendo uma suspensão temporal que rompe com a linearidade cotidiana dos “ágoras”. É justamente nesse estado que o tempo deixa de fluir de forma sucessiva e se apresenta como instante, abrindo-se como uma possibilidade reflexiva decisiva ontológica.

Assim, o objetivo deste artigo é explorar a estrutura da temporalidade que se manifesta no tédio profundo, no qual nos aproxima da essência do tempo como instante, ampliando o horizonte temporal e possibilitando um encontro autêntico com o ser, e como essa unidade temporal é circular, buscamos aproximar da temporalidade presente no aforismo “Da Visão e do Enigma” de Nietzsche.

TÉDIO COMO UMA TONALIDADE AFETIVA

Inicialmente, para que possamos aprofundar no que vem a ser o tédio, é necessário partir de sua essência. O que ele é? Ora, trata-se de uma tonalidade afetiva (*Stimmung*). Heidegger descreve que o próprio agir do ser-aí no mundo parte de uma determinada tonalidade afetiva, compreendida como disposição fundamental de humor. Essa tonalidade torna-se essencial na medida em que se enraíza no próprio ser-aí. Como tudo o que se manifesta, há aspectos que nos escapam à consciência; o ser está sempre regido por uma tonalidade afetiva, sendo ela a abertura

¹ Optou-se, neste presente trabalho, por ater-se fielmente ao modo o qual o conceito ‘*Dasein*’ fora apresentado na tradução de Marco Antônio Casanova, sendo ele traduzido como “ser-aí” para se referir ao conceito heideggeriano: ‘*Dasein*’. Em outras traduções, encontram-se referências ao mesmo termo como “presença”, o próprio “ser-aí” utilizado neste escrito e até no seu termo original sem tradução “*Dasein*”.

que possibilita ao ser-aí estar no mundo. É somente por meio dessa relação pela qual a tonalidade afetiva desvela o mundo, independentemente da forma como se apresente – que o ser-aí se encontra: nessa relação.

Em outras palavras, é a partir dessa estrutura que o ente possui liberdade para o deixar-selhar da tonalidade afetiva. Considerando que “o mundo é a abertura do ente enquanto tal na totalidade” (Heidegger, 2011, p. 365), trata-se da abertura com a qual o ente, lançado ao mundo, se relaciona com os entes em sua totalidade. Nessa dinâmica, encontramos uma correspondência profunda com a raiz do nosso ser-aí: a estrutura ontológica que fundamenta todas as nossas ações e disposições. É justamente nessa disposição de humor, que se radica no estar-fora, no estar-aí, que o ser-aí se projeta de forma transcendente ao mundo – conduzido e regido por uma tonalidade afetiva.

O tédio, enquanto tonalidade afetiva, ao se apresentar para nós como algo que nos aborrece, dá a impressão de que o tempo não se movimenta – ele escorre como algo despercebido e, ao notarmos sua presença, já se dispersou. Por ser uma tonalidade afetiva, é essencial, pois está enraizada na estrutura do nosso ser-aí. Tudo se manifesta, mas ao se manifestar, muitas vezes não tomamos consciência, pois estamos sempre intencionados a algo. Não operamos na totalidade do mundo; por isso, essa tonalidade afetiva eventualmente nos passa despercebida. No entanto, é justamente ela que rege o ser-aí e a abertura que o transcende em direção ao mundo.

Heidegger afirma em sua obra que, não apenas o tédio profundo, mas qualquer tonalidade afetiva que se manifesta ao nosso ser-aí, não pode ser controlada – apenas constatada, permitindo que se afine conosco à medida que se desvela. Constatamos a maneira como ela se manifesta ao nosso ser-aí; a tonalidade afetiva, em si, configura-se como uma disposição de humor que rege nossa abertura ao mundo. É somente por meio dessa disposição que estamos e percebemos o “aí”.

Sendo o ser-aí um ente lançado ao mundo, essa abertura constitui um modo de ser. É justamente a tonalidade afetiva que rege a possibilidade do ser e do não-ser, determinando a forma do ser-fora – isto é, o ser-aí em sua essência. Por essa razão, a tonalidade afetiva não deve ser tratada como um ente; ela não é algo que simplesmente está ou não está, mas sim pertence a um modo de ser singular. Embora não seja um ente, está sempre vinculada ao ente como uma modulação existencial específica de sua presença no mundo.

Dessa maneira, ser-aí e ser-fora não são conceitos divergentes, pois o ser-fora pertence e é uma das formas de manifestação do próprio ser-aí: “todo e qualquer ser-fora pressupõe o ser-aí. Precisamos estar-aí para podermos estar-fora” (Heidegger, 2011, p. 88). O ser-fora é algo que se manifesta de diversas formas a partir da abertura que se dá ao nosso ser-aí. Desencobre-se e desperta-se uma tonalidade afetiva no estar-aí – portanto, nem estando fora, nem estando dentro, mas num entre onde se revela a estrutura existencial do ser-aí.

A tonalidade afetiva manifesta-se a partir da abertura pela qual o ser se relaciona com o mundo. A estrutura de nosso ser-aí, enquanto disposição em face do mundo, revela-se para mim através dessa tonalidade afetiva. Já estamos, de certo modo, afinados com essa estrutura e com o modo como ela rege o mundo – *Befindlichkeit*. O próprio tédio pertence a essa condição ontológica, de tal maneira que não é algo no mundo que me entedia, mas sim a afinação existencial com essa estrutura que o torna manifesto.

Além disso, para o autor de *Introdução à Metafísica*, o nosso vínculo com a técnica – derivada do termo alemão *Technik* – é compreendido como um instrumento ontológico de criação e destruição, um processo contínuo de vir-a-ser. Como estamos constantemente em atividade no mundo, somos entregues a um tempo linear, sucessivo, composto por uma série de “ágoras” – e, com isso, permanecemos regidos pela angústia diante de nossas decisões e do modo como agimos no mundo, visto que a angústia “denuncia o ser enquanto nada (de ente, de ôntico), nada em que nós não podemos afundar, porque só se apercebe como aviso da inquietante proximidade do que carece de contornos, de espaço-tempo que o molde” (Borges-Duarte, 2006, p. 307)

Todavia, quando a tonalidade do tédio se manifesta, o tempo se manifesta de maneira distinta: ocorre uma espécie de anomalia temporal, na qual o tempo se dilata e se estende, tornando-se longo e suspenso. Aparentemente, deixamos de ser regidos pela angústia. Assim, parece que nos aprofundamos nesse tempo, a ponto de que ele nos pertença de algum modo, revelando uma experiência temporal outra – menos marcada pela sucessão e mais pela suspensão. Como estamos entregues ao curso da cotidianidade, deixamos que a técnica nos ultrapasse. Por isso, Heidegger considera o tédio profundo como uma tonalidade afetiva fundamental do nosso ser-aí: por manifestar-se como um vir-a-ser-mais-profundo possibilita um momento de encontro consigo mesmo – um cuidado de si que revela o ser em sua própria interioridade existencial.

AS MANIFESTAÇÕES DOS TIPOS DE TÉDIO E O TÉDIO PROFUNDO

Para dar continuidade à nossa investigação, buscamos esclarecer de que modo se manifestam as duas primeiras formas de tédio apresentadas por Heidegger, bem como em que

medida se diferenciam do tédio profundo – este, por sua vez, sendo o único que se revela como fundamental à estrutura existencial do nosso ser-aí. Na manifestação de todos os tédios vemos que o que se torna peculiar é a interrupção desse deixar-rolar, o ser-aí pensa ser dono do tempo, e por isso busca o passatempo para fugir desse tédio, para que o tempo passe e impeça o curso hesitante do tempo, mas por não estar entregue ele se torna vazio, surgindo o efeito contrário.

Reside aí um deixar-rolar peculiar, e mesmo em um sentido duplo: em primeiro lugar no sentido do entregar-se ao que aí se transcorre; em segundo, no sentido do deixar-se-para-trás, do abandonar-se, do deixar-para-trás o si-próprio mesmo. Neste deixar-rolar característico da entrega ao que aí se transcorre por parte do que se deixa para trás pode formar-se um vazio. O ser-entediado ou o entediar-se são determinados por esta formação de um vazio em meio à participação aparentemente preenchida no que aí se transcorre (Heidegger, 2011, p. 158).

No primeiro tédio, podemos observar que aparenta ser algo manifestado à algum ente intramundano, como se o ente quem detesse o tédio e não o ser-aí, revelando-se uma inquietude e a busca de um passatempo. Entretanto, na verdade é o ser-aí, que, ao não estar entregue a ação e ao ente que me é apresentando, se entendia, fazendo assim que o objeto seja recusado, enquanto a inquietação surge por achar que somos dono do tempo e buscamos controlar com um passatempo.

Heidegger elucida que a inquietude é a principal característica do primeiro tédio é incoerente em relação ao próprio passatempo, no terceiro tédio se é negado, e com isso temos sua essência, a primeira forma do tédio não irá transitar na terceira manifestação, assim como também a segunda manifestação do tédio, na circunstância que o próprio passatempo é que se entendia, ele possui uma posição intermediaria, o tempo que se manifesta se estagna e aparenta parar. Mas observamos que se torna o inverso, as próprias manifestações desses dois tédios são mais superficiais e estão enraizadas no que também possibilita o terceiro tédio, é necessário vir-a-ser-mais-profundo para que surge a inquietude do entediar-se por... e o passatempo para entediar-se junto à algo...

Assim como o segundo tédio ('tedio junto a...'), não se relaciona com um ente como o primeiro ('entediado por...'), mas que se caracteriza junto a um passatempo, e no deixar-rolar, já que é ele que nos entedia, mas ele resulta justamente no ser-aí permanecer no vazio, pois este busca para si o afastamento de sua própria individualidade e do espaço ao meio que se insere permeado por um vazio.

Dessa maneira, Heidegger aponta que as duas primeiras manifestações do tédio são superficiais. Nelas, buscamos constantemente escapar através de passatempos, esforçando-nos para que o fluxo do tempo – composto por sucessivos “ágoras” – mantenha-se em continuidade, distraindo-nos e evitando o confronto com nós mesmos. Não desejamos a profundidade do terceiro

tédio, nem o vazio que o acompanha. O terceiro tédio – o tédio profundo – distingue-se justamente por não permitir qualquer forma de passatempo em sua manifestação. Ele não se apresenta como algo que se entedia, nem está vinculado a alguma atividade que possa ser entediante; trata-se, antes, de uma tonalidade afetiva que suspende o mundo e nos revela o ser-aí em sua radical abertura e modificação.

Visto que o passatempo neste tédio profundo é negado, já que o ser-aí não está mais diante de algo que o entedia – como no primeiro tipo – ou entediado consigo mesmo em uma situação específica – como no segundo –, mas imergido em uma indiferença ontológica, onde o tempo se revela como um vazio absoluto e inescapável, o ser-aí não se ocupa.

É a principal essência desta manifestação de tédio, o mundo todo se apresenta e, por isso, de maneira alguma pode ser permitido que qualquer atividade cotidiana se apresente na manifestação deste tédio. Não é que se falte passatempo, ou que este entedia, é o mundo! Pois este é entediante para alguém. Mas quem é esse alguém?

Heidegger exemplifica como o caminhar em um domingo à tarde atinge nosso ser-aí, ele é tomado pelo tédio profundo, lança-se a encarar sua finitude e não permite mais preencher o tempo com passatempos, já que é negado. Essa serenidade vazia, que se apresenta como a entrega e a própria recusa da totalidade do ente, permitindo uma confrontação direta com a própria essência do ser-aí e sua temporalidade, um encontro consigo mesmo.

A tonalidade afetiva do tédio profundo é tão sutil que passa despercebida – e, quando dela tomamos consciência, já se dispersou. Considerando que o mundo se apresenta em sua totalidade e que a angústia nadifica o nada, é necessário esse tédio para que o ser-aí encontre sua finitude em profundidade. Trata-se daquele que “denuncia a totalidade inabarcável e, por isso, indiferenciada do ente em geral, totalidade que nos assalta e afunda, como um peso ingente e opressivo” (Borges-Duarte, 2006, p. 307).

Em outras palavras, o que se entendia, não é mais entediado pela manifestação das coisas ou por entes específicos, a própria totalidade do mundo que se apresenta para ele, ao se afastar de seus problemas mundanos, deixa o ser-aí vazio e retido.

Na manifestação do tédio profundo, o mundo é apreendido em sua totalidade – isto é, como um vazio – no qual se aloja uma indiferença que abarca o ente em seu todo. É precisamente esse alguém que se entedia com uma indiferença consigo mesmo e com o mundo, revelando-se a partir dessa suspensão da estrutura ordinária do sentido. O vazio, aqui, se apresenta na própria indiferença do ser consigo mesmo, como Heidegger afirma: “O vazio consiste aqui, portanto, na indiferença, que abrange o ente na totalidade” (Heidegger, 2011, p. 182). A todo momento –

enquanto regido pelo tédio profundo – o ser-aí é lançado em sua interioridade, pelo próprio tempo que o retém.

O TÉDIO E O TEMPO COMO INSTANTE

Em virtude desse tempo que se alonga, persiste o vazio, mesmo ao nos entregarmos ao curso da vida; e o tempo que se alonga nos retém, mesmo estando nele – o tempo que nos retém é ele próprio. Nesse sentido, o tempo encontra-se apenas estagnado. Somos entregues ao fluxo das coisas, pois estamos sempre jogados aí, dominados pela técnica. Prendemo-nos às coisas mais correntes do mundo, enquanto aquilo que se revela. E, quando esse tempo aparenta não passar, tornando-se longo, somos desviados do agora e do momento crucial da decisão, ao mesmo tempo em que o horizonte temporal é ampliado – no qual o tempo, como Heidegger define como unidade temporal nesse tédio, é decisivo pois é ele que retém o ente em um horizonte temporal ampliado, no qual é ele próprio quem rompe essa retenção.

O sujeito entediado já não é afetado por coisas ou pessoas em particular; é a própria totalidade do mundo – agora esvaziada de interesse – que se impõe como ausência. Ao afastar-se das preocupações cotidianas, o ser-aí se vê retido e esvaziado, suspenso em si. Nesse contexto, o instante torna-se uma figura decisiva que rompe o horizonte temporal que é ampliado e decisivo para um momento de decisão, e para isso, a todo momento podemos-ser e com isso somos capazes de antecipar-se-a-si, assim que o ser-aí ao projetar-se para uma possibilidade, uma visão ao futuro - *Ab-sicht*.

Encontramos nossa finitude ao nos depararmos com o fato de que somos um ser-para-a-morte, pois confirmamos que não somos seres infinitos; e, por isso, nossa autenticidade está vinculada à vivência que temos. Esse enfrentamento ocorre apenas a partir do próprio instante, entendido como a compreensão mais originária do tempo – visto que é por meio dele que o ser-aí se encontra a si mesmo em um momento crucial de reflexão para uma decisão.

Esse instante revela a totalidade estrutural do ser-aí em sua unidade originária, a qual se funda na historicidade do acontecimento do ser, não como um fluxo temporal linear, mas como um eterno retorno a si mesmo – uma temporalidade circular, na qual presente, passado e futuro se entrelaçam, no qual o instante que me retém, busca ser rompido pelo eclipsar-se no momento de decisão.

Ao sermos retidos pelo tempo, o tempo parece estar fragmentado, desta maneira o autor de *Introdução a Metafísica* nos afirma que o instante é o próprio tempo de modo mais original, e no terceiro tédio o modo que este instante se apresenta se difere da compreensão derradeira, pois

parece se ampliar. Como ainda estamos no tempo, ou seja, o instante que me retém e a serenidade vazia, que lança o eu mesmo a uma impessoalidade ao interior do próprio tempo, nos afasta de qualquer decisão, ação e inação. O tempo nos retém e nos estagna.

Para Heidegger, todo ente que ao ser recusado em sua totalidade só se torna possível, quando é retido a partir do próprio instante que nos lança a um horizonte de eventos. Quando olhamos o ente dessa maneira, a partir de três termos alemães que tratam sobre temporalidade, referem-se fundamentalmente a partir de um radical comum: *Hin-sicht*, *Rück-sicht* e *Ab-sicht*, que significam respectivamente presente, passado essencial e futuro. Estas três visões que pertencem ao horizonte de um ente é que irão formalizar o próprio horizonte uno e homogêneo do tempo, que, enquanto aberto à possibilidade para um ente é quando o próprio tempo que se alonga se retendo, e essa retenção retém o ente enquanto recusa o eu mesmo.

O tempo como instante que se manifesta por meio do tédio profundo, se difere da temporalidade de outras tonalidades afetivas como a própria angústia, no tédio profundo como não estamos fora do tempo, aqui, quando observamos essa intencionalidade de visões do horizonte, ela se fragmenta, de maneira que o instante todo se dá em uma amplitude temporal voltada para o passado, presente e futuro, mas de maneira que ainda ocorra em seu fluxo, apenas nós somos afastados desse fluxo, não o instante.

Portanto, no tédio profundo, o tempo que se retém como o próprio instante que se encontra de maneira peculiar, se dá de outra forma. Ele se torna longo, o eclipse-se da própria brevidade do tempo. Ao partir desse horizonte, ampliado pelo tédio como um momento reflexivo diante da possibilidade das possibilidades, estamos no próprio interior deste instante. Na manifestação desse tédio, o instante retém o ser-aí a uma impessoalidade e alastrá o horizonte temporal, e nos encontramos em seu interior, permitindo um momento de reflexão para uma tomada de decisão, que é rompido pelo eclipsar-se, .

Pois aqui se apresenta, não a possibilidade enquanto ação e inação, mas a possibilidade das possibilidades que se apresentam, mas a reflexão que busca por si só, através do instante, um rompimento. O ser-aí se entendia com o mundo e tudo que o envolve. Ao se apresentar em sua totalidade o mundo o qual o ser-aí se aprofunda, emerge-se a possibilidade das possibilidades, não como ação ou inação, mas como um momento de reflexão que parte desta ampliação do horizonte de eventos.

O TEMPO COMO UM CÍRCULO

Olha esse portal, anão!”, falei também; “ele tem duas faces. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém ainda os trilhou até o fim. Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá — isso é outra eternidade. Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: — é aqui, neste portal, que eles se encontram. O nome do portal está em cima: ‘Instante’ (Nietzsche, 2016, p. 151)

Nesta passagem da terceira parte da obra *Assim falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche, Heidegger (2010) vai explicitar bem como identificamos a questão temporal. Aqui não se trata de maneira alguma de uma visão ou de um enigma para Heidegger, pois o enigma que aí se apresenta neste aforismo se coloca na visão intencional do Zaratustra, “no qual este ente que em sua totalidade se oculta como ‘a visão do homem mais solitário’” (Heidegger, 2010, p. 224), é solitário, pois se encontra em o ‘eu mesmo’ no interior de uma solitude, não seria aqui a própria manifestação do tédio profundo? Zaratustra se afasta do mundo e encontra-se no interior dele, um encontro reflexivo consigo mesmo?

Segundo o autor de *Ser e Tempo*, ao discorrer sobre este portal, Zaratustra percebe que há duas ruas, uma para trás e uma para lá, e se chocam uma como a outra. Como este tempo é visto como uma linha reta a partir do que chamamos de instante, o acontecer, o momento. Aquela velha tradição do tempo no qual ele é linear e segue uma reta é quebrado por Nietzsche. Segundo Heidegger, pois a reta que se apresenta é apenas aparência, o tempo é circular, o eterno retorno do mesmo, aquele “ente tal como ele em verdade transcorre- é torto” (Heidegger, 2010, p. 224).

Como somos seres finitos, aquela possibilidade, impossibilita a própria existência em geral. Como o próprio Heidegger afirma a todo momento, estamos atrelados ao tempo e ao instante pois estamos lançados a todo momento nessa relação, precisamos repensar mais uma vez a própria questão da verdade, pois o que o enigma que Nietzsche nos apresenta, é ocultado, o próprio mistério e a “decifração desse enigma exige uma exposição ao aberto do que está em geral velado, ao inexplorado e intransitado, ao desvelamento (*Αλήθεια*)” (Heidegger, 2010, p. 224).

Por isso que enquanto o instante que ao ser retido ao fragmentar o instante em uma própria ampliação desse tempo que,

(...) nesse caso das possibilidades, a visão do homem mais solitário aqui, se apresenta como a própria necessidade de reflexão, para nos projetarmos para uma possibilidade em uma visão intencionada ao futuro, teríamos que ter sido, ‘de tal modo que o instante as atrai para si (Heidegger, 2010, p. 229).

O instante é retido, mas nunca parado, mesmo neste tédio profundo. Necessitamos dessa hora mais solitária, será que por isso se torna importante ao nosso filosofar? Como nosso ser-aí

se apega a crenças mundanas sobre o que se apresenta, neste aforismo de Nietzsche, a qual Heidegger discorre, percebemos que apesar do mundo se apresente em sua totalidade, ele não se dá desse modo, pois temos o mistério. Seria por isso também que este tédio é fundamental para um momento de reflexão e desencobrimento, sempre retornando ao que se apresenta como a própria dilatação deste tempo retido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, com tudo que se foi apresentado, a importância do tédio profundo, mesmo que não temos controle em sua manifestação deixamos que nos afine, pois ele próprio é a tonalidade afetiva fundamental em nosso filosofar.

Ela é o modo fundamental de nosso ser. Se quisermos vir a ser o que somos, não podemos abandonar essa finitude ou nos iludirmos quanto a ela. Muito ao contrário, precisamos protegê-la. Esta guarda é o processo mais interior de nosso ser-finito; ou seja, nossa mais intrínseca finalização. Finitude só é no interior da verdadeira finalização. Nesta finitude, contudo, consuma-se por fim uma singularização do homem em seu ser-aí (Heidegger, 2011, p. 8).

O instante para Heidegger é a compreensão originária do tempo que se apresenta quando é retido pelo vazio existencial no tédio profundo. Sendo negado um passatempo a partir de uma impessoalidade, do deixar-para-trás, assim promovendo uma ausência de si próprio nos lançando a um momento contemplativo com nossa finitude. Por conseguinte, todo ente ao ser recusado em sua totalidade só se tornando possível quando é recusado a partir de uma impessoalidade, de maneira que este se dá numa amplitude temporal voltada para o passado, presente e futuro.

A partir do aforismo *Da visão e do enigma* de Nietzsche, observamos o eclipsar-se do instante, que ao se fragmentar nos tornamos mais profundo em seu interior de modo que ele ainda continue. Ao se deparar com a própria manifestação ele já se dispersa, voltamos a seu fluxo, esse é o momento em que Zaratustra, com sua bagagem se torna indiferente a si mesmo, encontra ele mesmo e se joga, arrematado ao instante, que está estagnado e retido nesse tédio profundo. Também podemos observar que devemos sempre retornar a esse mesmo momento culminante para encontro de nossa própria finitude e reflexão.

Como o próprio mundo me entedia, as possibilidades não me são apresentadas, e a ampliação do instante e sua fragmentação, faz com que o tempo se torne longo, devemos nos entregar a esse tédio e que nos afine.

Portanto, podemos responder à nossa questão principal que: A compreensão originária do tempo é o instante, ao qual sempre retornaremos. Quando retido pelo próprio tédio profundo, o

instante se fragmenta, permitindo uma ampliação da visão temporal entre presente, passado e futuro, apresentando-nos as possibilidades das possibilidades, enquanto inibe nossa pessoalidade, conduzindo-nos a uma impessoalidade, na medida em que possibilita o encontro do ser-aí consigo mesmo em sua finitude.

REFERÊNCIAS

- BORGES-DUARTE, Irene. “O tédio como experiência ontológica. Aspectos da Daseinsanalyse heideggeriana”. In: CANTISTA, M. J. (Org.). *Subjectividade e Racionalidade*. Uma abordagem fenomenológico-hermenêutica. Porto: Campo das Letras, 2006.
- CORDEIRO, Robson Costa. O tédio em Kierkegaard e Heidegger. In: Dossiê Sagrado e poesia no pensamento de Heidegger. *Trilhas Filosóficas*, Caicó, ano 14, n. 1, 2021, p. 85-101
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à metafísica*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Tradução de Marco Antônio Casanova. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica*: mundo, finitude, solidão. Tradução de Marco Antônio Casanova. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *Os pensadores*. Vol. XLV. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5 ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

Recebido em: 31/03/2025.

Aprovado em: 21/07/2025.